

COMPOSIÇÃO E SIMPLICIDADE NA TEORIA DA MATÉRIA DE PEDRO DE JOÃO OLIVI

COMPOSITION AND SIMPLICITY ON
PETER OF JOHN OLIVI'S MATTER THEORY

Márcio Paulo Cenci¹

Resumo

O objetivo deste artigo é esclarecer os conceitos de composição e simplicidade na teoria da Matéria de Pedro de João Olivi (1248-1298). Argumenta-se que há uma diferença básica no tratamento da matéria dado por Olivi daquele dado por S. Boaventura. Essa diferença é básica na determinação da matéria em Olivi na medida em que há a designação da simplicidade à matéria espiritual e a composicionalidade à matéria corporal.

Palavras-chave: Pensamento franciscano. Pedro de João Olivi. Matéria e Forma.

Abstract

This article aims to clarify the concepts of composition and simplicity in the Matter's theory of Peter of John Olivi (1248-1298). It is argued that there is a basic difference in the treatment of matter given by Olivi than that given by St. Bonaventure. This difference is basic in the matter determination in Olivi, according as there is the designation of simplicity to the spiritual matter and the compositionality to the bodily matter.

Keywords: *Franciscan thought. Peter of John Olivi. Matter and form.*

¹ Professor de Filosofia do Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, RS. Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). E-mail: mpcenci@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Composição e simplicidade são conceitos elementares na classificação dos entes. É inegável que os entes natureza são compostos. Daí, a composição é uma condição para que se trate de filosofia da natureza, ou de ciências da natureza. Contudo, a oposição da composição, a saber, o simples, não existe na natureza. Ao menos, isso não existe como um objeto de experiência sensorial ou mesmo como objeto das ciências da natureza. Daí a pergunta: *pode* existir algo simples em alguma ordem dos entes? Se sim, em que ordem? Se não, ele seria um mero conceito lógico? Essas respostas dependem da determinação do uso de simplicidade e composição, ou seja, é um tópico de esclarecimento conceitual de ordem metafísica.

Esses conceitos descrevem uma (possível) disjunção básica entre entes simples e compostos. Como um problema metafísico, essa disjunção é um tópico básico da teoria da matéria, pois remete ao problema da constituição dos entes. Esse problema, a partir do século XIX, foi classificado em termos da teoria hilemórfica.² De fato, em outra chave terminológica, em termos históricos da recepção dos textos de Aristóteles, ele tem registro no debate sobre a relação entre matéria e forma; nos problemas: se existe matéria prima, se é possível a matéria sem forma, ou a forma sem matéria.

Nos registros da recepção da teoria aristotélica no século XII-XIV, a aplicação dos conceitos de composição e simplicidade não apresenta problemas evidentes no caso da natureza humana, pois o ser humano é tomado como composto de corpo e alma. Mas, possam sê-lo no caso de determinar se a alma humana é composta ou simples. Não é também um problema evidente quanto à natureza divina, pois tem de ser simples. O caso mais problemático se refere às naturezas angélicas. Aí está um campo profícuo de debates conceituais da filosofia na Idade Média, pois não há evidência de se um ente racional como um anjo é de natureza composta ou simples. Por isso, o debate sobre a naturezas angélicas é um campo de teste conceitual relevante para o uso dos conceitos de composição e simplicidade. Esse é o fator de interesse aqui nas naturezas angélicas.

A teoria da matéria requerer uma revisão desde a *Metafísica* e da *Física* de Aristóteles até as versões mais relevantes dos árabes para chegar ao século XIII, nos debates de Pedro de João Olivi e seus contemporâneos. Uma historiografia das ideias completa está por ser feita, mas já há trabalhos relevantes sobre esses tema.³

² Um estudo interessante sobre a origem e uso da expressão 'hilemorfismo' e termos derivados com uma comparação ao problema da matéria e forma nas correntes peripatéticas anteriores, pode-se cf. em Gideon MANNING, 'Three biased Reminders about Hylomorphism in Early Modern Science and Philosophy', in *Matter and Form in Early Modern Science and Philosophy*, ed. by Gideon MANNING (Leiden; Boston: Brill, 2012)m, p. 1-32.

³ Algumas obras relevantes sobre este tópico: Ernan McMULLIN, *The concept of Matter in Greek and Medieval Philosophy* (Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1965), p. 325; Gideon MANNING, *Matter and form in early modern science and philosophy* (Leiden, Boston: Brill, 2012), p. 248; Jeremy KIRBY, *Aristotle's Metaphysics: Form, Matter and Identity*, Continuum Studies in Ancient Philosophy edn (New York: Continuum, 2008), p. 163. Em específico sobre Olivi cf. em Tiziana SUAREZ-NANI, 'Pierre de Jean Olivi et la subjetivité Angélique', *AHDLMA*, 70 (2003), 233-316; Tiziana SUAREZ-NANI, 'Notes pour l'histoire de la réception de Pierre de Jean Olivi', in *Pierre de Jean Olivi - Philosophe et théologien*. (Berlin, New York: de Gruyter, 2010), p. 327-55; Tiziana SUAREZ-NANI, 'Introduction', in *La matière*, trans. by O. Ribordy et A. Robiglio, T. Suarez-Nani C. König-Pralong (Paris: Vrin, 2009), p. 7-60.

O escopo deste artigo é analisar como Pedro de João Olivi trata a teoria da matéria em função dos conceitos básicos de simplicidade de composição. Objetiva-se mostrar que há uma diferença básica no tratamento da matéria dado por Olivi daquele dado por S. Boaventura. Entretanto, ficará evidente que as teses de S. Boaventura são fundamentais para possibilitar a Olivi desenvolver sua peculiar teoria da matéria. Essa peculiaridade fica explícita no uso de composição e simplicidade, pois serve de justificação da distinção entre matéria corporal e matéria espiritual.

Essa distinção tem um potencial importante para esclarecer as consequências para a filosofia da cognição e da mente em Olivi, ainda que em um registro terminológico diverso do contemporâneo. Mas isso somente será sugerido no final do artigo, pois as consequências não são objeto desse artigo, embora se proponha um avanço na interpretação da teoria da matéria em Olivi.

ELEMENTOS DA TEORIA DA MATÉRIA EM S. BOAVENTURA

Em *In II Lib. Sent., d. 3, p. 1*, no Artigo 1, sobre a simplicidade da essência nos anjos, há a teoria da matéria em Boaventura. Esse registro supõe que se a natureza racional dos seres humanos puder ser justificada em tal teoria da matéria, essa justificação tem de poder se estender também aos anjos e todos os seres racionais finitos. Esse é, de fato, um tópico profícuo do debate medieval sobre a teoria da matéria enquanto os entes sejam compostos de matéria e forma, pois é nesse registro há argumentos importantes para descrever a natureza humana em seu aspecto racional, em termos de composição ou simplicidade da alma.

S. Boaventura analisa três sentidos do conceitos de simplicidade. O primeiro se nota na primeira conclusão à Questão 1: *Angelum non habere essentiam simplicem per privationem omnis compositionis*. O primeiro sentido se refere à simplicidade não como uma privação de alguma elemento da composição. Simplicidade, nesse sentido, seria um conceito negativo, à medida que seria determinado pela ausência, por privação, de qualquer elemento agregado, como seria o caso de um composto. Entretanto, ele mostra que a composição tem de ser entendida como uma espécie de dependência, enquanto que a simplicidade é algo absoluto.⁴

Em um segundo sentido, ele mostra que a composição do Anjo, deve-se remover tudo o que é composição de quantidade, heterogeneidade, composição de natureza corporal e espiritual, tal como é o caso dos entes humanos. Portanto, se o anjo é composto, não pode ser entendido no mesmo sentido que o ser humano é composto.⁵ O anjo tem uma natureza simples por não compartilhar das mesmas características do ser humano.

A terceira conclusão sugere outro sentido de simplicidade. A conclusão mostra que o anjo é um composto de matéria e forma. Há portanto uma forte diferença dos sentidos de composição acima. Nessa conclusão, nota-se que a simplicidade da matéria e da forma seriam possíveis pela decomposição do composto criado, mas isso implicaria na não existência do anjo ou de qualquer ente, pois restaria somente a matéria e a forma. Ora, enquanto ente, o anjo é um composto de matéria e forma.

⁴ Cf. BOAVENTURA, *In II Lib. Sent., d. 3, p. 1, a.1, q. 1. v. 2, p. 91*

⁵ Cf. BOAVENTURA, *In II Lib. Sent., d. 3, p. 1, a.1, q. 1. v. 2, p. 91*.

Por isso, matéria e forma são naturezas distintas – pois, no anjo formam um composto *ex diversis naturis* – que se conectam pelo modo atual e possível.⁶

Na *Questão 2*, para determinar se a matéria que compõem as naturezas angélicas, é idêntica à matéria corporal.⁷ S. Boaventura faz uma distinção importante entre identidade numérica e identidade da natureza comum ou identidade essencial. A identidade numérica se refere à igualdade de substância em que há alterações acidentais - o Sócrates velho é idêntico ao Sócrates jovem - sem alteração numérica.⁸ A identidade de natureza comum é respectiva ao que varia numericamente, mas que possui partes comuns de substâncias idênticas.⁹ A analogia com os ‘anéis de ouro’ faz pensar que, embora sejam diferentes, todos têm como matéria comum o ouro. Disso se segue que a identidade de natureza comum seria o ouro que é uma parte comum a todos. Ter uma natureza comum, mesmo que em partes, seria suficiente para garantir a identidade quanto a natureza ou essência, dado que a natureza comum seria o elemento comum que unifica as diferenças.

Entre a matéria (prima) e a matéria corporal nas naturezas angélicas não pode haver uma identidade numérica e, sim, a essencial. S. Boaventura sugere que se há identidade, ela deve ser na ordem da essência da matéria comum aos anjos e outros entes. Assim, a matéria, por si, sem as determinações formais, como um ‘todo potencial’ – *omne potentiale*¹⁰ – seria o traço de identificação das coisas.

No *Respondeo*, S. Boaventura sugere que a resposta depende da resposta mais básica acerca da unidade e distinção da matéria espiritual da matéria corporal. Uma opinião sugere que a distinção da matéria pode ser descrita pela via analógica; e, a outra, pela via metafísica, a saber, que descreve a distinção essencial entre as matérias.

A diversidade de opiniões é respectiva a diversidade de modos de conhecer a matéria. Há uma cognição *per privationem* que se dá pela remoção da forma da matéria, daí se conhece a matéria como que se estivesse disposta para uma forma - *disponens ad formam*, e assim se considera a essência a “própria essência nua” da matéria.¹¹ Desse modo, se a cognição da matéria, enquanto corporal ou espiritual, é possível pela privação das formas. E assumindo que espiritual e corporal sejam formas da matéria, então elas são acidentais à matéria, dado que ela pode ser conhecida sem tais formas.

A cognição por analogia depende do hábito na comparação da matéria com a forma em relação à sua potencialidade, a saber, da matéria prima ser matéria corporal ou espiritual.¹² S. Boaventura ainda

⁶“(…) et si composita est ex diversis naturis, ille duae naturae se habent per modum actualis et possibilis, et ita materiae et formae.” BOAVENTURA, *In II Lib. Sent.*, d. 3, p. 1, a.1, q. 1. v. 2, p. 91.

⁷Daí o título da questão: “Utrum materia, ex qua compositi sunt Angeli, sit eadem cum materia corporalium.”

⁸cf. BOAVENTURA, *In II Lib. Sent.*, d. 3, p. 1, a.1, q. 2. v. 2, p. 94 e também o capítulo *De differentia* em PORPHYRE, *Isagoge. Texte grec et latin*, trans. by A. de Libera et A.-Ph. Segonds. (Paris: Vrin, 1998).

⁹BOAVENTURA, *In II Lib. Sent.*, d. 3, p. 1, a.1, q. 2. v. 2, p. 94: “(…) ut sicut omnes anuli de auro dicuntur habere eandem materiam per naturam sive essentiam, cum tamen numeraliter varietur, et alia pars secundum substantiam sit in uno, alia in alio. Et quod sit ide per essentiam.”

¹⁰Cf. BOAVENTURA, *In II Lib. Sent.*, d. 3, p. 1, a.1, q. 1. v. 2, p. 89ss.

¹¹“Cognitio per privationem est prius removendo formam, deinde disponens ad formam, et considerando ipsam essentiam nudam in se quasi tenebram [sic] intelligibilem.” BOAVENTURA, *In II Lib. Sent.*, d. 3, p. 1, a.1, q. 2. v. 2, p. 96.

¹²“Cognitio per analogiam est per consimilem habitudinem; habitudo autem materiae est per potentiam, et ita haec cognitio est per comparisonem materiae ad formam mediante potentia.” BOAVENTURA, *In II Lib. Sent.*, d. 3, p. 1, a.1, q. 2. v. 2, p. 96.

mostra que a matéria pode ser comparada com a forma de dois modos: seja em razão do ente e, assim, é metafísica; seja em razão do movimento e, assim, natural ou física.¹³ De fato, a matéria corporal não é naturalmente apta à matéria espiritual e vice versa. Ambas são distintas e correlatas à distinção matéria física e metafísica. Mas, essa opinião não é assumida por Olivi.

ELEMENTOS DA TEORIA DA MATÉRIA EM OLIVI

As *Questões 19 e 20* formam o bloco que a historiografia considera como a *Questões sobre a Física* de Aristóteles.¹⁴ Provavelmente, configuram-se como um curso de Filosofia dado por Olivi antes de começar a lecionar Teologia. A datação dessas questões é anterior a 1277, assim precedente cronologicamente às *Questões 16-18*. Pode-se, com isso, constatar que a teoria da matéria foi produzida pelo jovem Olivi entre 1276 e 1279. Em específico, a teoria da matéria de Olivi é desenvolvida basicamente no conjunto de questões que corresponde ao bloco entre a *16 e 21*¹⁵. De fato, na *Questão 16* estão concentrados os principais argumentos concernentes à angeologia, mas é justamente nesse contexto que ele questiona se matéria e forma são componentes dos espíritos ou de intelectos separados. Toma evidência nessa questão o posicionamento de Olivi sobre o tópico do hilemorfismo e também o problema da definição da matéria e a potencialidade.

Olivi aceita a tese de que a matéria é o suporte de todas as coisas e que ela é potencialidade. A descrição básica oferecida por Olivi é ser a matéria o substrato do ente em potência. Reitero que, como sugere Ribordy, Olivi tem condições de argumentar deste modo em razão da confrontação de Aristóteles e seus seguidores, com Agostinho, Boécio e o Pseudo-Dionísio: “[...] a saber que a matéria não é unicamente um poder, mas que ela possui a razão de vários poderes e assim também uma atualidade própria. Seria o caso de se notar que a matéria não pode subsistir sem a forma.”¹⁶ Olivi, nesse ponto, não está tão distante da teoria aristotélica. Veja-se: “[...] em vários lugares, Aristóteles define a matéria como ente em potência, que é o meio entre o ente e o não ente, que nada nela é

¹³“Potentia autem materiae dupliciter potest comparari ad formam: aut in quantum praebeet ei fulcimentum in ratione entis, et sic considerat metaphysiciens; aut sub rationem mobilis et sic considerat naturalis philosophus.” BOAVENTURA, *In II Lib. Sent.*, d. 3, p. 1, a.1, q. 2. v. 2, p. 96.

¹⁴Cf. Tiziana SUAREZ-NANI, ‘Introduction’, in *La matière*, trans. by O. Ribordy et A. Robiglio, T. Suarez-Nani C. König-Pralong (Paris: Vrin, 2009), p. 29. Pode-se cf. informações com detalhes em Sylvain PIRON, ‘Les œuvres perdues d’Olivi: essai de reconstitution’, *Archivum Franciscanum Historicum*, 91 (1998), p. 357-394.

¹⁵Há uma importante tradução para o francês desse conjunto de questões que se pode cf. em: Pierre de Jean OLIVI, *La matière*, trans. by C. König-Pralong, O. Ribordy et A. Robiglio. Introduction et notes par T. Suarez-Nani. Paris: Vrin, 2009, p. 360. Na *Introduction*, por Suarez-Nani, há um capítulo historiográfico sobre essas questões que basicamente são datadas de 1277-1283 e consta aí uma descrição com certos detalhes de cada questão. Cf. Tiziana SUAREZ-NANI, ‘Introduction’, in *La matière*, trans. by O. Ribordy et A. Robiglio, T. Suarez-Nani C. König-Pralong (Paris: Vrin, 2009), p. 25-29.

¹⁶No original: “[...] à savoir que la matière n’est pas uniquement puissance, mais qu’elle possède la raison de plusieurs puissances ainsi qu’une actualité propre. Il serait encore à relever que la matière ne peut pas subsister sans la forma.” Olivier RIBORDY, ‘Materia Spiritualis: Implications anthropologiques de la Doctrine de la matière développée par Pierre de Jean Olivi’, in *Pierre de Jean Olivi - Philosophe et théologien*, ed. by Tiziana Suarez-Nani Catherine König-Pralong Olivier Ribordy (Berlim, New York: de Gruyter, 2010), p. 208-209.

distinto, que sempre é por si infinita e indeterminada e distingue a matéria da forma, tanto quanto a potência do ato.”¹⁷

Na *Questão 7*, Olivi sugere que: “[...] retirados todos os outros <predicados>, a essência da matéria é por si suficientemente possível para tudo o que é possível existir nela.”¹⁸ Essa formulação joga com elementos lógicos surpreendentes em uma combinação incomum: *sufficienter possibilis*. Mas, basicamente, ele sugere que, se tudo o que é possível existir tem por suporte a matéria, então tudo é possível em razão da essência da matéria. Portanto, a matéria é substrato comum aos entes possíveis. Isso não significa que todos os entes criados são provenientes da mesma matéria, mas sim que todos os entes criados possuem materialidade.

Além disso, Olivi adiciona uma ideia importante: “Por conseguinte, de nenhum modo <a essência da matéria> pode ser conhecida [*intelligi*] a não ser como possível.”¹⁹ Sabe-se que a matéria é condição suficiente para os entes possíveis. Segue-se que “[...] todo o ente seja determinável para algo ou como termo ou como uma determinação de algo, o que será conhecido como ente determinado suficientemente por si [*de se*].”²⁰ De modo geral, Olivi concorda com isso, mas sugere um refinamento no conceito de matéria para distinguir-se de uma interpretação que resulte em um realismo excessivo em razão da identificação da matéria com a potencialidade. Além de exigir que a potencialidade nunca seja eliminada em absoluto da matéria. A essência da matéria é conhecida pela possibilidade dos entes (serem) determinados. Em outros termos, é possível conhecer a matéria somente como uma condição de possibilidade dos entes, mas não por si mesma. Assim, há uma distinção semântica entre a matéria enquanto tal ser pura potencialidade, e a potencialidade do ente determinado (a saber, criado).

Enfim, a matéria enquanto pura potencialidade está aberta a todos os entes possíveis e em si mesma não está determinada, mas é determinável. A potencialidade do ente determinado é a condição que os entes possuem de estar sujeitos à accidentalidade, ou ao não-ser. O ente determinado tem uma possibilidade de segunda ordem, na medida em que não é uma possibilidade absoluta, pois já está determinado em algo. Dada essa determinação de um ente, ao mesmo tempo, não está determinado em absoluto, pois está aberto à accidentalidade e ao não-ser.

¹⁷ Aqui a referência completa: OLIVI, *II Sent.* q. 16, p. 305: “[...] quidam dixerunt materiam esse puram potentiam seu purum possibile, ita quod in sua essentia nihil esset secundum se actus seu actualitatis. - Et nisi sunt hoc trahere ab Aristoteles qui ubique definit eam dicendo quod est ens in potentia et quod est medium inter ens et non ens et quod nihil in ea est distinctum et quo est de se infinita et indeterminata semperque distinguit eam a forma tanquam potentiam ab actu; haec autem patent I Physicorum, et I De generatione et II et VII Metaphysicae, e etiam fere ubique.” No apêndice, Tabela 1, há o conjunto de obras e autores que Olivi implícita e explicitamente se refere. Cf. Anna RODOLFI, ‘Pietro di Giovanni Olivi e il dibattito sull’attualità della materia’, in *Pierre de Jean Olivi - Philosophe et théologien*, ed. by Olivier Ribordy, Tiziana Suarez-Nani and Catherine König-Pralong (Berlin, New York: de Gruyter, 2010), p. 276.

¹⁸ Cf. citação completa: OLIVI, *II Sent.*, q. 17, p. 357-358: “Omnibus enim aliis amotis ipsa per se est sufficienter possibilis ad omnia quae in ea possunt esse; unde nullo modo potest intelligi nisi ut possibilis. Si autem potentia diceret aliquid ad ea diversum, potentiis amotis ipsa non esset possibilis ad aliquid et ita de se nullum haberet ordinem aut respectum ad suas formas possetque intelligi ut non possibilis et sic per consequens ut a nullo determinabilis; et ita sequeretur quod cum omne ens sit determinabile ab alio aut terminus seu determinatio eius, quod ipsa posset intelligi vere ut quoddam ens de se sufficienter determinatum.”

¹⁹ Cf. citação em nota 18.

²⁰ Cf. citação em nota 18.

Na *Questão 20* é criticada a teoria da matéria sustentada por S. Boaventura. Olivi sintetiza a posição dele assim: “[...] matéria é conhecida enquanto desnudada de toda a forma, ela é uma absolutamente por sua essência e por sua potência para todas as coisas.”²¹ Segundo Olivi, a opinião de S. Boaventura conduziria à posição de que a matéria, como suporte a todas as coisas, seria uma quando abstraída – *denudata* – de suas determinações formais. Contudo, ele não aceita que após a determinação pela forma a matéria possa ainda ser restituída como uma unidade. De fato, ele nega a possibilidade de que exista uma unidade na matéria na ordem ontológica, pois ela é pura potencialidade. Admitir a unidade dessa possibilidade implicaria em confusão da ordem lógica com a ordem ontológica.²²

Para Olivi, essa unidade da matéria tem de ser considerada em ordem lógica e, como tal, existente apenas no intelecto. Olivi é categórico: “[...] esta comunidade ou universalidade existe no intelecto, em verdade, a matéria, enquanto tal, como existe na realidade sempre é individual [...]”.²³ Afirmar um conceito de matéria com uma significação não equívoca é uma condição lógica para o seu uso. Entretanto, a realidade não exige essa universalidade de aplicação do conceito. As determinações formais não são meramente desdobramentos de *uma* matéria originária, mas o desdobramento de matérias *possíveis* que são informadas convenientemente. Assim, a ordem lógica somente dá conta da distinção e unidade semânticas dos conceitos e isso é suficiente.

Nota-se que Olivi se distancia da posição de S. Boaventura ao negar que uma forma corpórea e uma forma espiritual sejam determinações respectivas à mesma matéria originária. Embora Olivi não negue que a mesma forma pode informar matérias distintas, ele não se refere à mesma matéria originária.

Olivi refuta basicamente, *per impossibilem*, mostrando que a posição de S. Boaventura implica que se poderia acrescentar à matéria espiritual algumas partes da forma corpórea, e na matéria corpórea se poderia adicionar a forma espiritual. Olivi opta por não utilizar a distinção entre matéria física e metafísica como S. Boaventura, pois poderia dar a entender que está assumindo uma distinção somente de ponto de vista. Bettoni sugere a opção conceitual de Olivi pelos conceitos de matéria espiritual e matéria corporal é mais adequada para refutar a tese do hilemorfismo universal. Portanto, a escolha e ênfase que Olivi dá aos termos é de todo coerente com a sua teoria da matéria.²⁴

²¹ OLIVI, *II Sent.*, q. 20, p. 375: “Alii autem dicunt quod materia, prout cogitatur ut denudata omni forma, est simpliciter una secundum essentia, et potentiam in omnibus.” Essa posição se refere à opinião de BOAVENTURA, *In II Lib. Sent.*, d. 3, p. 1, a. 1, q. 2. v. 2, p. 94, 96-7; p. 100-101. Cf. Pierre de Jean OLIVI, *La matière*, trans. by C. König-Pralong, O. Ribordy et A. Robiglio traduction et notes par T. Suarez-Nani (Paris: Vrin, 2009), p. 310. Sobre a concepção de matéria em Boaventura, cf. Joaquim Cerqueira GONÇALVES, *Homem e Mundo em São Boaventura* (Braga: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970), p. 182-183, em especial as notas 48, 50 e 51; Cf. também Efrem BETTONI, *Le Dottrine filosofiche di Pier di Giovanni Olivi: saggio* (Milano: Vita e Pensiero, 1959), p. 283-284, que comenta esta passagem.

²² Cf. Efrem BETTONI, *Le Dottrine filosofiche di Pier di Giovanni Olivi: saggio* (Milano: Vita e Pensiero, 1959), p. 284-289.

²³ OLIVI, *II Sent.*, q. 20, p. 377: “[...] haec communitas vel universalitas est in intellectu, in quantum talis, materia vero prout est in re semper est individua [...]”. Essa, de fato, é uma importante chave para interpretar Olivi como não partidário do hilemorfismo universal. Cf. também OLIVI, *II Sent.*, q. 13, p. 249-250.

²⁴ Cf. Efrem BETTONI, *Le Dottrine filosofiche di Pier di Giovanni Olivi: saggio* (Milano: Vita e Pensiero, 1959), p. 291.

COMPOSIÇÃO NA MATÉRIA CORPORAL E SIMPLICIDADE NA MATÉRIA ESPIRITUAL

A distinção entre a matéria física e metafísica também não tem sentido, pois se algo possui matéria corporal, é independente se é terrestre ou celeste, sua forma corpórea é indiferenciável. Não há uma distinção metafísica aplicável aos corpos celestes. Os anjos, segundo Olivi, também são um composto de matéria e forma, não sendo portanto corruptíveis, pois a matéria deles não é corpórea, mas espiritual.²⁵ Penso que essas críticas são desenvolvidas em razão dos problemas respectivos à teoria da criação, pois a unicidade da matéria não é compatível com a doutrina criacionista. A criação de um indivíduo implica na criação de algo *ex novo*. Se há a unidade real da matéria, não há criação, pois toda a matéria já existe.²⁶

Caso a distinção fosse simplesmente de ponto de vista, a saber, do modo como conhecermos as determinações da realidade, mas ontologicamente houvesse somente uma matéria, não seria possível distinguir *materia spiritualis* (α) e *materia corporalis* (β). Desse modo, elas seriam indistinguíveis realmente ($\alpha = \beta$), ou seja, idênticas pela natureza comum.²⁷ Olivi critica esse tipo de identidade assumido por S. Boaventura, mas quer salvar a tese de que as determinações fundamentais da matéria prima são a matéria espiritual e a matéria corporal ($\alpha \neq \beta$), e são distinguíveis realmente, como consequência da distinção formal.

Ora, a matéria ser distinta realmente é a condição essencial para que se possa conhecer, dado que não se pode aplicar as potências cognitivas a algo que é mera potencialidade, pois Olivi tem claro que nem mesmo a Deus e aos anjos é possível conhecer a matéria-prima como tal. Isso, obviamente, não por restrição da potência cognitiva desses seres, mas em razão de a matéria ser pura possibilidade ($\alpha \nrightarrow \beta$) e, por isso, nessa condição, não há o *que* conhecer.²⁸ Contudo, se a matéria é conhecida em sua determinação, isso se dá em razão de sua forma. Assim, as potências cognitivas estão terminadas justamente na determinação da matéria, não em sua possibilidade pura. Essa é a condição de conhecimento, também para nós humanos, do mundo criado.²⁹ Portanto, a matéria somente em sua determinação formal é cognoscível.

²⁵ Nesse ponto Olivi critica S. Boaventura, como é possível de se notar textualmente. cf. BOAVENTURA, *In II Lib. Sent.*, d. 3, p. 1, a. 1; q. 2, v. 2, p. 94-98; d. 2, a. 2, q. 1, v. 2, p. 302-303. E indiretamente também critica à Ibn Gabirol. Cf. Efrem BETTONI, *Le Dottrine filosofiche di Pier di Giovanni Olivi: saggio* (Milano: Vita e Pensiero, 1959), p. 286.

²⁶ Cf. OLIVI, *II Sent.*, q. 20, p. 383.

²⁷ OLIVI, *II Sent.*, q. 20, p. 375: “Sed hoc non videtur posse stare, quia tunc in spirituali materia posset poni, quantum est ex ipsa, forma corporalis et possemus ibi dare partes, et in corporali posse forma spiritualis poni et in ea partes non esset dare ex ipsa et per se.” Cf. um comentário sobre a cognição das formas em Efrem BETTONI, *Le Dottrine filosofiche di Pier di Giovanni Olivi: saggio* (Milano: Vita e Pensiero, 1959), p. 274.

²⁸ Ora, é ilustrativa essa passagem: OLIVI, *II Sent.*, q.16, p. 310-311: “Ratio autem quare nos in cognitionem materiae devenimus per formas est, quia nostra cognitio proficiscitur a sensibus quorum non est apprehendere quidditates substantiarum. Unde per accidentia et effectus substantiarum devenimus in cognitionem earum [...]”.

²⁹ Uma posição filosófica de cunho materialistas não aceitará este argumento *prima facie*. Aqui somente se pretende mostrar que a partir da noção universal de matéria e de suas determinações conhecidas, pode-se chegar, sem contradição, a afirmação de que há a matéria espiritual e há a matéria corporal. Cf. sobre a posição de materialistas contemporâneos em Robert PASNAU, ‘Olivi on the Metaphysics of Soul’, *Medieval Philosophy and Theology*, 6 (1997), p. 109-132.

Para avançar sintetizo um argumento que me parece já implícito em Olivi:

- P₁. A matéria é potencialidade para formas;
- P₂. A matéria é cognoscível em sua determinação <formal>;
- ∴₁ [P₃] Portanto, as espécies da matéria determinada são conhecidas como a corporal e a espiritual.
- ∴₂ Assim, existe a matéria espiritual e existe a matéria corporal.

Na *Questão 16*, Olivi, em diferença à posição bonaventuriana, apresenta a cláusula [doravante C_m] que especifica a matéria: “Pois quando a matéria é determinada mediante a sua essência e a espécie <é determinada> para alguma forma, de nenhum modo pode tender para outras <formas>.”³⁰ Em outros termos, a cláusula da matéria pode ser expressa assim: C_m: Se a matéria é determinada para a [ad] e pela [per] forma α , deve manter sua determinação conforme α e não pode tender a β .

A determinação da matéria pela forma especifica o modo de relação entre as formas. Por isso, a compatibilidade ou não da relação entre formas se dá na especificação. Além disso, uma matéria somente é informável com formas que lhe convém. Todavia, Olivi mantém, como visto, sempre a potencialidade da matéria como uma condição de abertura no que se refere aos entes criados. Ele não elimina a potencialidade em nome da atualização pela forma, ainda que não recaia na posição unitarista de S. Boaventura, pois se poderia supor que essa potencialidade somente ressurgiria quando a matéria estivesse *denudata*. Entretanto, é justo afirmar que a potencialidade da matéria formada está condicionada à C_m.

Matéria e forma estão unidas em um composto, em que uma não se reduz a outra, mas podem formar uma unidade de composição. Essa união é uma relação transcendental, pois é anterior às categorizações. Tal relação Bettoni chama de transcendental, embora nesse ponto não apresente maiores justificativas, e a compara, sob o aspecto específico de ser parte de um composto, à posição de Tomás de Aquino.³¹

Ora, a matéria não pode ser determinada por formas distintas em espécie. Mas o próprio Olivi quando trata desse ponto assume que não está bem explicado, na medida em que a forma contém em si os seus opostos.³² Contudo, para avançar, sugere-se que a relação transcendental entre matéria e forma tem de ser esclarecida, na aplicação da C_m, e Olivi mantém-se sutil nesta argumentação. Bettoni em seu ensaio afirma que:

³⁰ OLIVI, *II Sent.*, q. 16, p. 343: “Quando enim materia ex sua essentia et specie est determinata ad aliquas formas, nullo modo potest tendere ad alias.”

³¹ Cf. Efrem BETTONI, *Le Dottrine filosofiche di Pier di Giovanni Olivi: saggio* (Milano: Vita e Pensiero, 1959), p. 294. Adiante ele acrescenta que essa tese era conhecida antes de Tomás de Aquino e repete que ela é uma relação, de fato, transcendental. Cf. id., p. 335.

³² OLIVI, *II Sent.*, q. 16, p. 333: “Ad tertium parte ex iis quae dicta sunt in principio responsionis principalis. Licet enim materia dicat actum et essentiam, tamen essentialiter differentem ab actum et essentia formali; quoniam actus et essentia materialis includit in se essentialiter privationem informitatis et indeterminationem essendi et ordinem potentialitatis et perfectibilitatis et aliquid magis sibi absolutum quod nobis non est bene explicabile verbo; forma vero include in se eorum opposita.”

[...] a união da matéria e da forma no composto é sempre um integrar-se de uma atualidade de sentido oposto: a atualidade material, que é a capacidade em ato de receber e a atualidade formal, que é a capacidade em ato de dar. Como não existe uma atualidade de um receber sem aquela de um dar, assim, a atualidade de um dar implica na atualidade de um receber.³³

Essa relação de dar e receber entre forma e matéria enfatiza a existência da relação de opostos para que algo se atualize. Daí ser elucidativo, em termos olivianos, o conceito de *inclinatio*:

[...] diz-se que a inclinação enquanto se trata da matéria estar inclinada para a sua forma. Se propriamente é uma inclinação atual, dá-se mediante alguma forma ou algum impulso formal. Pois a inclinação do ato é inclinável, assim como a <inclinação> do movimento é movível. Disso se segue que a matéria, por si mesma, não se relaciona com a forma, a não ser enquanto possível e inclinável para o seu ato e para a sua inclinação, mesmo que <essa relação> ocorra por intermédio de algum <impulso> formal ou por alguma forma.³⁴

A *inclinatio* da matéria para a forma é descrita em termos da natureza própria da matéria. A matéria está disposta à forma, mas, ao mesmo tempo, depende da forma para a sua atualização. Embora Olivi evite a teoria do ato e potência³⁵, ele mantém a noção de movimento e a dinâmica da matéria ao receber a forma sem ser de todo determinada.³⁶ Bettoni faz uma síntese da posição de Olivi: “[...] todas as formas se radicam diretamente na matéria e que estão todas ordenadas para informá-la substancialmente [...]”³⁷ e, acrescento, sem eliminar potencialidade própria da matéria.

³³ No original: “[...] l’incontro della materia e della forma nel composto è sempre un integrarsi di due attualità di segno opposto: l’attualità materiale, che è capacità in atto di ricevere e l’attualità formale, che è capacità in atto di dare. Come non c’è l’attualità di un ricevere senza quella di un dare, così l’attualità di un dare implica l’attualità di un ricevere.” Efrem BETTONI, *Le Dottrine filosofiche di Pier di Giovanni Olivi: saggio* (Milano: Vita e Pensiero, 1959), p. 294.

³⁴ OLIVI, *Il Sent.* q. 20, p. 377-378: “[...] quod inclinatio qua materia dicitur inclinari ad formam suam, si est inclinatio vere actualis, est per formam aliquam vel impulsum formalem, inclinatio enim actus est inclinabilis, sicut motus mobilis. Unde materia de se non refertur ad formam nisi ut possibile et inclinabile ad suum actum et ad suam inclinationem, licet per intermediam aliquam formam vel aliquid formale hoc fiat.” Pode-se cf. também o mesmo tópico em OLIVI, *Il Sent.* q. 51, p. 117-118.

³⁵ Olivi não faz uso da teoria do ato e da potência para resolver a questão tal como Tomás que relaciona matéria à potência e a forma ao ato. De fato, se ele fizesse estaria assumindo uma posição unicista em relação às formas substanciais. Segundo Bettoni, essa pode ser uma causa propriamente filosófica dessa teoria de Olivi ter tido uma ressonância posterior bastante restrita. De fato, somente há dois autores documentados que desenvolvem o tema: Pedro de Trabes e outro anônimo. Cf. Efrem BETTONI, *Le Dottrine filosofiche di Pier di Giovanni Olivi: saggio* (Milano: Vita e Pensiero, 1959), p. 317-319.

³⁶ “Se la forma infatti dà alla materia la sua attualità formale, ma non l’attualità che le è propria, è chiaro che sotto qualsiasi forma la materia continua ad esse quello che è per essenza: un essere in potenza a tutte le forme. In altre parole: se la materia è per conto suo, in forza della sua essenza, una capacità attuale di ricevere le forme, l’avvento di una forma no può esaurire, nemmeno ‘hic et nunc’, tutta la sua potenzialità; perciò non solo non è assurdo, ma è addirittura logico che due o più forme si radichino in essa tutte insieme.” Efrem BETTONI, *Le Dottrine filosofiche di Pier di Giovanni Olivi: saggio* (Milano: Vita e Pensiero, 1959), p. 295.

³⁷ No original: “[...] tutte le forme si radichino direttamente nella materia e che siano tutte ordinate ad informarla sostanzialmente [...]”. Efrem BETTONI, *Le Dottrine filosofiche di Pier di Giovanni Olivi: saggio* (Milano: Vita e Pensiero, 1959), p. 311.

Nesse ponto, proponho um avanço na interpretação do que significa a ‘potencialidade da matéria’. Somente há potencialidade absoluta quando se trata da matéria sem forma, enquanto pura matéria. Aqui haveria um uso de potencialidade em modo absoluto. Após a especificação, conforme a C_m , há ainda potencialidade, mas desde a especificação formal. No caso da matéria corporal, se ainda houvesse uma potencialidade absoluta, ela poderia se tornar matéria espiritual, ou ainda outra, tal como se observou na opinião criticada de Boaventura. Esse não é o caso, porque a matéria corporal pode assumir potencialmente todas as formas possíveis enquanto matéria corporal. Ou seja, pode ser determinada em outras formas compatíveis com a matéria corporal e não pode ser receptiva a, e.g., uma forma espiritual. Portanto, deve-se atentar para o uso equívoco de ‘potencialidade da matéria’, pois pode ser tanto aplicada ao modo absoluto, quanto ao modo específico.

Quando Olivi testa a tese de Boaventura, ele mostra que a matéria espiritual somente pode receber a forma espiritual, dado que é uma forma da mesma espécie; e o mesmo se dá no caso da matéria corporal. Tanto é assim que, na sequência dessa cláusula [C_m], Olivi exemplifica mostrando a justeza de C_m , e acrescenta algo:

[...] a matéria corporal de nenhum modo pode receber as formas espirituais, nem <mesmo pode> ser movida para as <formas espirituais>. Deste modo, a forma corporal nada possui em si que seja uma forma espiritual e simples. E, assim, semelhantemente, a matéria espiritual é determinada para as formas espirituais e de nenhum modo pode ser totalmente desvinculada delas e revestida por formas corporais. Portanto, a matéria espiritual não possui em si mesma uma tal potência mediante a qual poderia corromper a sua <forma> espiritual e modificá-la em corporal; o mesmo, inversamente, se dá com a matéria corporal.³⁸

A cláusula [C_m] implica em um critério de distinção entre as matérias desde suas potencialidades específicas. Daí a ideia de que o composto matéria/forma é transcendental e que a determinação matéria em pela forma espiritual é simples. Isso quer dizer que a matéria espiritual é simples no sentido de não poder ser decomposta em outras formas determinantes e não ter outra categorização a não ser a de espiritual.

Bettoni tende a analisar essa inclinação em termos de ato e potência.³⁹ E Olivi deixa transparecer a correção dessa interpretação na citação acima quando dá ênfase à potencialidade da ação: *possit in*, ou *est determinata ad*, representa o jogo entre as potencialidades das matérias. O critério básico de distinção é a inclinação [*inclinatio*] própria de cada uma em receber ou produzir aquilo que lhe é adequado. A natureza de cada matéria é a condição de recepção e ação do que lhe é próprio.

³⁸ OLIVI, *II Sent.*, q. 16, p. 343: “[...] ut verbi gratia, materia corporalis nullo modo potest recipere formas spirituales nec moveri ad eas hoc modo quod nullam habeat in se formam corporalem et quod per eas fiat spiritualis et simplex. Et consimiliter materia spiritualis sic est determinata ad formas spirituales quod nullo modo potest esse totaliter exuta ab eis et formis corporalibus indui. Materia igitur spiritualis non habet in se potentiam talem per suam spirituale possit corrumpi et mutari in corporale, sicut nec e contrario materia corporalis hoc habet.”

³⁹ “Materia corporea e materia spirituale non hanno nulla di comune, come sappiamo: questo però non impedisce per quel tanto di analogia che corre fra loro, che l’una e l’altra possano essere in potenza rispetto ad una medesima forma.” Efrem BETTONI, *Le Dottrine filosofiche di Pier di Giovanni Olivi: saggio* (Milano: Vita e Pensiero, 1959), p. 364.

Entretanto, há maior clareza ao se cruzar a citação acima com esta da *Questão 72*: “[...] em razão de sua essência, tem-se que a matéria espiritual não é apta às formas extensas e corporais, nem a matéria corporal o é às formas espirituais.”⁴⁰ A correspondência necessária da *inclinatio* é: matéria espiritual –simples– forma espiritual; matéria corporal –composta– forma corporal. Está vedado cruzar correspondências. Portanto, há uma diferença irreduzível entre a matéria corporal e a matéria espiritual.

Ora, quais são as notas características presentes em uma descrição adequada da matéria corporal e da matéria espiritual? A descrição mais básica da matéria espiritual é respectiva à sua simplicidade e a matéria corporal à sua composicionalidade. Olivi indica isso na *Questão 20* (em um argumento afirmativo que ele aceita na *Solutio*):

Essencialmente, a matéria corporal distingue-se da espiritual pela simplicidade e composição, por possuir partes e <pela espiritual> não as possuir e por ser corporal <que é distinto de ser> espiritual. Portanto, essas <características> dizem respeito às diferenças essenciais adicionadas à matéria.⁴¹

E dado que toda a matéria é potencialidade, que quando informada não tem eliminada a potencialidade em absoluto, segue-se que a matéria espiritual e a corporal devem conter em si alguma espécie de sua potencialidade. A matéria espiritual é possuidora de uma simplicidade potencial. A matéria corporal é marcada pela composição potencial.⁴² Portanto, são as naturezas essenciais que distinguem a matéria espiritual da corporal.

Ribordy sintetiza a questão: “A matéria corporal difere da matéria espiritual segundo a sua razão essencial, mas convergem na razão comum da matéria.”⁴³ Essa razão comum diz respeito à natureza da matéria como um substrato comum a todo criado, e aí não há diferenciação⁴⁴. Há potencialidade abso-

⁴⁰ OLIVI, *II Sent.*, q. 72, p. 12: “[...] quia materia spiritualis non est capax formarum extensarum et corporalium nec materia corporalis formarum spiritualium.”

⁴¹ OLIVI, *II Sent.* q. 20, p. 370: “Item, materia corporalis differt essentialiter a spirituali per simplex et compositum et per habens partes e non habens partes e per corporale et spirituale; ergo ista dicunt differentias essentielles additas materiae. Non enim has conditiones habet materia a forma sed potius a se, in tantum quod forma spiritualis non potest esse nisi in spiritualis materia nec corporalis nisi in corporali, ergo eodem modo erit in aliis.”

⁴² OLIVI, *II Sent.* q. 20, p. 375: “[...] et tamen materia corporalis sic convenit cum materia spirituali in ratione materia quo differentem definitionem habet ab ea per hoc quod isti additur altera ratio, scilicet habere partes potentiales vel in potentia, et isti non habere sed potius simplicitatem potentialem vel in potentia; quia istae rationes nihil addunt reale ad essentiam materia unuscuiusque istorum, sed in materia spirituali implicatur utraque ratio sine reali differentia et in corporali eodem modo.” Cf. a nota 53.

⁴³ No original: “La matière corporelle et la matière spirituelle diffèrent selon leur raison essentielle, mais convergent en la raison commune de matière.” Olivier RIBORDY, ‘Materia Spiritualis: Implications anthropologiques de la Doctrine de la matière développée par Pierre de Jean Olivi’, in *Pierre de Jean Olivi - Philosophe et théologien*, ed. by Tiziana Suarez-Nani Catherine König-Pralong Olivier Ribordy (Berlim, New York: de Gruyter, 2010), p. 221.

⁴⁴ OLIVI, *II Sent.* q. 20, p. 377: “Materia autem corporalis est propria materia corporalium et spiritualis spiritualium per essentiam suam, sed non per aliquid reale additum alicui naturae materiali quae sine differentia illa esset communis forma spirituali et corporali; quia tunc veraciter in eadem natura materiae, numero inquam eadem, posset esse successive forma spiritualis et corporalis, quantum esset ex parte materiae. Et utique ipsi naturae communi per se responderet aliqua forma seu natura formalis; quod est impossibile, quia tunc illa forma esset communis spirituali et corporali et nec esset simplex nec extensa nec corporalis nec spiritualis.”

luta que está na matéria enquanto tal. Ora, aplicada a C_m , explica-se que a potencialidade da matéria se contrai à forma específica. Pode-se dizer que esse argumento serve se considerarmos a matéria em ordem ascendente, na direção da matéria-prima. Mas, dada a especificação, em ordem descendente, pela C_m , permanece a distinção.

Além disso, não se deve esquecer da distinção entre a ordem lógica e ontológica da matéria, pois poder-se-ia supor que esse substrato comum fosse uma única matéria. Contudo, esse não pode ser o caso.

Segundo Rodolfi, alguns, como Tomás de Aquino, Egídio Romano, Egídio de Lessines, Godofredo de Fontaines, privilegiaram esta interpretação: O bronze é a matéria da qual – *ex qua* – a estátua se atualizava, de modo que haveria equivalência entre a matéria e a potência. Os franciscanos privilegiaram a interpretação que considerava a matéria em que – *in qua* – a estátua se realizava.⁴⁵ A matéria era tomada como substrato. Por isso, assume-se que a matéria é um substrato comum a todas as coisas, embora não compartilhe de sua substancialidade.⁴⁶ A matéria existe enquanto potencialidade para a determinação, ou enquanto determinável. Sem considerar a forma como constituinte dela, dada a distinção acima, a matéria seria pura potencialidade. De fato, Olivi assume uma posição própria na interpretação dos textos de Aristóteles no tema da matéria como potencialidade.

Esse tratamento do tema da matéria está muito próximo à tese do hilemorfismo universal de Ibn Gabirol (Avicébron) presente no *Fons Vitae* que sustenta a unidade indistinta da matéria. Todavia, a semelhança fica na superfície e Olivi extrai consequências bastante diferentes das extraídas por Ibn Gabirol (Avicébron).⁴⁷ Bettoni enfatiza a crítica de Olivi ao hilemorfismo universal de modo ao sobrevalorar a tendência crítica de nosso autor, acaba produzindo no leitor a impressão que Olivi não possui um objetivo próprio de construir uma teoria inovadora, mas somente estava a evitar os problemas inerentes ao hilemorfismo universal, como o de reduzir matéria e forma a uma unidade real. Para Bettoni, a própria terminologia usada por Olivi estaria em função dessa crítica, pois mostrar que a matéria pode se distinguir realmente entre matéria espiritual e matéria corporal e que a unidade de ambas é um mero conceito seria um forte indicativo desse objetivo.⁴⁸ Parece-me que esta é uma perspectiva limitante da teoria Oliviana.

De fato, Olivi posiciona-se entre a afirmação da diferença real e da unidade indistinta da matéria. Ele admite que a potencialidade da matéria se dá em certa atualidade, conforme a tradição agostiniana e a teoria da pluralidades das formas⁴⁹. Olivi assume o que ele mesmo chama de “*via media*”⁵⁰, ao

⁴⁵ Cf. Anna RODOLFI, ‘Pietro di Giovanni Olivi e il dibattito sull’attualità della materia’, in *Pierre de Jean Olivi - Philosophe et théologien*, ed. by Olivier Ribordy, Tiziana Suarez-Nani and Catherine König-Pralong (Berlin, New York: de Gruyter, 2010), p. 258. Outro texto importante pode-se cf. em ARISTÓTELES, *Física*, II, 3, 194 p. 23-26.

⁴⁶ Cf. Tiziana SUAREZ-NANI, ‘Pierre de Jean Olivi et la subjectivité Angélique’, *AHDLMA*, 70 (2003), p. 243.

⁴⁷ Cf. Tiziana SUAREZ-NANI, ‘Introduction’, in *La Matière*, trans. by O. Ribordy et A. Robiglio, T. Suarez-Nani C. König-Pralong (Paris: Vrin, 2009), p. 36.

⁴⁸ Pode-se conferir também a crítica mais específica ao hilemorfismo universal em EfreM BETTONI, *Le Dottrine filosofiche di Pier di Giovanni Olivi: saggio* (Milano: Vita e Pensiero, 1959), pp. 288-92.

⁴⁹ A teoria da matéria de Olivi é um pressuposto importante para o desenvolvimento da teoria da pluralidade das formas na tradição franciscana. Cf. EfreM BETTONI, *Le Dottrine filosofiche di Pier di Giovanni Olivi: saggio* (Milano: Vita e Pensiero, 1959), p. 292, nota 92.

⁵⁰ OLIVI, *II Sent.*, q. 20, p. 376: “Media igitur via videtur hic esse incedendum, ut videlicet dicamus quod materia non habet differentias formas realiter ab ea differentes et realiter cum materia compositas [...]”.

sugerir que a matéria não existe atualmente sem uma forma. Diz Suarez-Nani: “Esta *via media* consiste em afirmar que na matéria há diferentes razões (de receptividade), entretanto, não se distinguem realmente da matéria, nem são compostas com ela.”⁵¹

Dada a especificação pela C_m , não existe somente uma matéria, mas múltiplas especificações. E, com Bettoni, fica claro que Olivi não confunde a ordem lógica com a ordem ontológica. Sob a ordem lógica, a matéria é caracterizada pela sua potencialidade; mas na ordem ontológica ela depende de suas especificações, tal como a matéria corporal se distingue da matéria espiritual.⁵² A interpretação de Suarez-Nani sobre a *via media* de Olivi (se está correta, como parece estar) garante, em termos teológicos, a homogeneidade da criação, e possibilita que se pense em realidades corporais e em realidades angelicais a partir de um substrato comum como compostos de matéria e forma.

Embora a descrição seja conforme o tipo de hilemorfismo de Olivi, categorizá-lo, como faz Toivanen, como um hilemorfismo universal introduz ambiguidades, desnecessárias, pois é aplicado somente aos entes criados. Assim, opta-se aqui por nominar como um hilemorfismo oliviano simplesmente.

Na *Questão 51*, nos argumentos em sentido contrário, com uma forte semelhança à posição de Tomás de Aquino, Olivi descreve o uso do princípio de “ser impossível a uma mesma forma ser ato de duas matérias”.⁵³ Ele mostra que ao se aceitar esse princípio, fortemente distinto da C_m , há a consequência desagradável de que a forma sensitiva do ser humano não poderia informar a matéria corporal e a matéria espiritual, simultaneamente. Se isso for impossível, como mostrar que os corpos exteriores são conhecidos pelo nosso intelecto? A seguir, o próximo capítulo terá por tema central mostrar como isso é possível.

CONCLUSÃO

Conclui-se que a concepção de matéria possibilita a Olivi distinguir claramente a matéria corporal da matéria espiritual sem resultar em um dualismo de substância, dado que a matéria, enquanto substrato, é comum às duas determinações. Não obstante, as determinações da matéria não são transitivas. A cláusula C_m descreve justamente essa condição da matéria determinada, para e pela forma – seja a determinação corpórea ou espiritual. Após essa determinação, há como que duas matérias determinadas distintamente *secundum rem*. E essa é a base de Olivi para construir uma teoria própria e peculiar de matéria corporal e de matéria espiritual.

⁵¹ No original: “Cette *via media* consiste à affirmer que dans la matière il y a des raisons différentes (de réceptivité), qui ne se distinguent cependant pas réellement de la matière e ne composent pas avec elle.” Tiziana SUAREZ-NANI, ‘Pierre de Jean Olivi et la subjectivité Angélique’, *AHDLMA*, 70 (2003), p. 242.

⁵² Cf. Efrem BETTONI, *Le Dottrine filosofiche di Pier di Giovanni Olivi: saggio* (Milano: Vita e Pensiero, 1959), p. 288-9.

⁵³ Segue-se o argumento completo: OLIVI, *II Sent.*, q. 51, p. 103: “Item, eadem forma non potest simul informare duas materias, maxime quae sunt diversissimorum generum et quorum una sit nobilior altera quasi in infinitum; ergo sensitiva hominis non poterit simul informare materiam corporalem et materiam spiritualem animae rationalis, cum se habeant ad invicem modo praedicto; sed non est alia causa communiter quare non ponatur esse a generante, nisi quia ponitur esse radicata in materia intellectuali animae rationalis; ergo et cetera.” Bettoni identifica esse argumento com a posição de Thomas AQUINO em *ST*, Ia. q., 76, a. 1, *resp.*. cf. Efrem BETTONI, *Le Dottrine filosofiche di Pier di Giovanni Olivi: saggio* (Milano: Vita e Pensiero, 1959), p. 364.

Como matéria e forma estão unidas em um composto, em que uma não se reduz a outra, formam uma unidade de composição. Esse tipo de união não é categorial, na medida em que há uma determinação em si da matéria. É um conceito transcendental, pré-categorial, portanto. Assim, explicita-se a intuição interpretativa de Bettoni. Daí, a descrição mais básica da matéria espiritual está na simplicidade e a matéria corporal na composicionalidade.

Matéria espiritual e corporal são distintas realmente e compõem o ser humano. E, por isso, é necessário explicitar como ambas estão combinadas, pois Olivi poderia criar uma combinação em que o acesso da matéria espiritual à matéria corpórea fosse impossível. E, se isso fosse o caso, na teoria da cognição, o resultado seria que as coisas corpóreas não poderiam ser conhecidas. Contudo, nota-se que a cláusula C_m não impede que a mesma forma possa determinar matérias distintas. Assim, pode-se pensar que uma forma comum à matéria espiritual e à corporal determinasse certo elo entre o espiritual e o corporal.

Na possibilidade de que uma mesma forma possa determinar tanto a matéria espiritual quanto a corporal, há uma pista importante que se notará essencial para entender a teoria da atenção em Olivi, pois a atenção pode ser descrita (de modo preliminar) como uma extensão do espiritual ou mental para o corpóreo. Portanto, parece ser o caso que a teoria da matéria é necessária para compreender a relação corpo-alma no ser humano e, por consequência, para a teoria da cognição de Olivi.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Metafísica**. Tradução de Valentín García Yebra. Madrid: Editorial Gredos, 1990. 830 p.
- ARISTÓTELES. **Física**. Tradução e notas: Guillermo R. de Echandía. Madrid: Editorial Gredos, 1995. 506 p.
- OLIVI, *Petrus Iohannis*. **Quaestiones in Secundum Librum Sententiarum**. Edit. Bernardus Jansen, Quaracchi: Collegium S. Bonaventurae, *Bibliotheca Franciscana Scholastica Medii Aevi*. 1922–1926. (Volume I- III).
- S. BONAVENTURAE. **Commentaria In quatuor Libros Sententiarum** Magistri Petri Lombardi. Tomus 2. Ad Claras Aquas (Quaracchi). Prope Florentiam Ex Typographia Collegii S. Bonaventurae. 1885.

BIBLIOGRAFIA SECUNDÁRIA

- BETTONI, E. **Le Dottrine filosofiche di Pier di Giovanni Olivi**: saggio. Milano: Vita e Pensiero, 1959. 534 p. Pubblicazioni dell'Università cattolica del S. Cuore : Nuova serie, 73.
- BOUREAU, A. Le conception de relation chez Pierre de Jean Olivi. In: BOUREAU, A.; PIRON, S. **Pierre de Jean Olivi (1248 -1298)**: Pensée Scolastique, Dissidence et Société. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1999. p. 41-55.
- KIRBY, J. **Aristotle's Metaphysics**: Form, Matter and Identity. Continuum Studies in Ancient Philosophy. ed. New York: Continuum, 2008. 163 p.

- MANNING, G. **Matter and form in early modern science and philosophy**. Leiden, Boston: Brill, 2012. 248 p.
- MANNING, G. Three biased Reminders about Hylomorphism in Early Modern Science and Philosophy. In: MANNING, G. **Matter and Form in Early Modern Science and Philosophy**. Leiden; Boston: Brill, 2012.
- MC MULLIN, E. **The concept of Matter in Greek and Medieval Philosophy**. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1965. 325 p.
- PIRON, S. Les œuvres perdues d'Olivi : essai de reconstitution. **Archivum Franciscanum Historicum**, v. 91, n. 3/4, p. 357-394, 1998.
- PIRON, S. Olivi et les averroïstes. **Freiburger Zeitschrift für Philosophie und Theologie** , v. 53, n. 1/2, p. 251-309, 2006.
- PORPHYRE. **Isagoge. Texte grec et latin**. Tradução de A. de Libera et A.-Ph. Segonds. Paris: Vrin, 1998.
- RIBORDY, O. *Materia Spiritualis: Implications anthropologiques de la Doctrine de la matière développée par Pierre de Jean Olivi*. In: OLIVIER RIBORDY, T. S.-N. C. K.-P. **Pierre de Jean Olivi - Philosophe et théologien**. Berlin, New York: de Gruyter, 2010. p. 181-228.
- RODOLFI, A. Pietro di Giovanni Olivi e il dibattito sull'attualità della materia. In: RIBORDY, O.; SUAREZ-NANI, T.; KÖNIG-PRALONG, C. **Pierre de Jean Olivi - Philosophe et théologien**. Berlin, New York: de Gruyter, 2010. p. 253-293.
- SUAREZ-NANI, T. Pierre de Jean Olivi et la subjectivité Angélique. **AHDLMA**, v. 70, p. 233-316, 2003.
- SUAREZ-NANI, T. Introduction. In: OLIVI, P. D. J. **La matière**. Tradução de O. Ribordy et A. Robiglio, T. Suarez-Nani C. König-Pralong. Paris: Vrin, 2009. p. 7-60.
- SUAREZ-NANI, T. Notes pour l'histoire de la réception de Pierre de Jean Olivi. In: RIBORDY, O.; SUAREZ-NANI, T.; KÖNIG-PRALONG, C. **Pierre de Jean Olivi - Philosophe et théologien**. Berlin, New York: de Gruyter, 2010. p. 327-355.
- TOIVANEN, J. **Perception and the Internal Senses: Peter of John Olivi on the Cognitive Functions of the Sensitive Soul**. Leiden: Brill, 2013. 388 p.